

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCAREST E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

A Declaração da Cimeira de Bucareste não deixa dúvidas sobre a transformação da NATO numa organização global, não obstante só indirectamente, muito ao de leve e por uma única vez, se refira a esse aspecto do seu processo de transformação; quando diz que se continua a atribuir grande importância ao alargamento («The Alliance continues to place a high value on its expanding ...»). Não é, no entanto, apenas um alargamento do número de membros, geralmente, a sua faceta mais falada; é também o geográfico e o funcional.



Nesta última vertente, foram apresentadas recentemente mais duas novas áreas de actuação: a da segurança energética e a da segurança informática; ambas já têm orientação estabelecida e estão agora a ser dotadas dos meios e organização necessários para a implementação das respectivas políticas (NATO's Role in Energy Security e Policy on Cyber Defense). As do combate ao terrorismo, contra-proliferação de armamentos de destruição maciça e defesa anti-míssil, já estão perfeitamente integradas.

No outro campo, para além da admissão de dois novos membros e promessas de adesão a outros três, há o alargamento geográfico da área de interesse. Praticamente todos as regiões do mundo onde há instabilidade ou situações de crise são referidas explicitamente como preocupações da NATO; de fora fica apenas a América do Sul, a China, a Índia e o Paquistão (estranha-se que este não tenha sido referido pela inevitável associação da sua situação com o desenrolar da missão da ISAF no Afeganistão).

Mas se a Ásia quase não é mencionada isso não significa que não esteja a ser matéria de atenção; houve contactos recentes ao mais alto nível com a China e com a Índia e há as relações especiais com o Japão, a Coreia do Sul e Singapura, a Austrália, a Nova Zelândia, estando todos a ser objecto de programas específicos de cooperação (Tailored Cooperation Packages).

Esta orientação, com as reformas a que os países candidatos são obrigados para conseguir o acesso, serve bem o propósito comum de ajudar a formar um ambiente estratégico favorável aos interesses e valores que nos são próprios. É o seu principal aspecto positivo; mas tem também efeitos perversos pelo potencial que encerra de servir objectivos particulares.

É o caso, por exemplo, do empenho dos EUA na promoção activa da entrada da Ucrânia e da Geórgia na NATO. O interesse insistente da superpotência, contra o consenso europeu, é indirecto; não decorre da importância dos contributos militares que trarão para a Aliança; decorre sim da necessidade que os EUA têm em impedir que a Rússia renasça como a potência hegemónica na Euroásia, reconquistando áreas de influência perdidas, na sequência da implosão da USSR e do caos que se seguiu. Neste jogo, a Ucrânia difere das outras situações porque tem uma posição extremamente crítica para a Rússia, quase de sobrevivência estratégica. As preocupações de perda de hegemonia na Ásia explicam as outras aproximações.

No caso específico dos países europeus, principalmente aqueles a quem alguns chamaram a Velha Europa, a questão tem uma natureza idêntica, mas põe-se em termos contrários. Para os europeus o que é prioritário é a preservação de um relacionamento não acidentado com a Rússia (pelo menos enquanto mantiverem uma situação de dependência energética). Por isso, não foi possível um entendimento; apenas o acordo que o assunto será visto um dia mais tarde, o que o tempo dirá se foi apenas uma forma de cedência para com os interesses americanos ou corresponde a um comprometimento concreto.

Face às mudanças do ambiente de segurança, a NATO, como qualquer organização, só tinha duas opções: ou se adaptava ou arriscava-se a ficar condenada à irrelevância e desaparecimento a prazo. A escolha pelo primeiro caminho foi clara desde o princípio mas tem-se andado sem saber exactamente qual o destino, algumas vezes sob a pressão dos interesses mais imediatos da potência hegemónica mas também sem contrapostas úteis e práticas dos europeus, como que quase não havendo tempo para discutir as questões de fundo ou preferindo evitar confronta-las. Por isso, põe-se, de facto, a dúvida se a NATO com essas as novas iniciativas, principalmente a do

alargamento do número de membros e o alargamento geográfico, está ou não no melhor caminho para continuar a ser útil, como foi durante o passado, como garantia da segurança e defesa dos países membros. Tenho algumas dúvidas. Já veremos porquê.

Há dois motivos principais. Quanto maior e mais diversificada for a área de interesse mais variarão as percepções dos países membros sobre a importância relativa de cada acontecimento, especialmente dos mais distantes (em termos geográficos e de interesses próprios) e sobre o papel que a Aliança poderá ter. Pressionados a participarem, em nome da solidariedade, alguns países com interesses mais restritos poderão sentir que estão apenas a endossar a política da superpotência e, inevitavelmente, aparecerão indícios de relutância em participar no esforço do colectivo, como já acontece presentemente.

Por outro lado, quanto maior e mais variada for a composição da Aliança mais difícil será obter consensos e evitar riscos de fracturas e, mais grave do que isso, mais se diluirá a interiorização do compromisso estabelecido no artigo 4º do Tratado, do qual, aliás muito convenientemente, não se fala. A NATO pode, evidentemente, tornar-se uma organização global, se é essa a vontade dos países membros; só que haverá a pagar o preço de esse estatuto jogar muito dificilmente ou poder mesmo colidir com o estatuto de uma Aliança de segurança colectiva, que pressupõe capacidade de garantir a imediata protecção dos países membros em caso de ameaça.

Este aspecto é essencial, porque, ao contrário do que alguns pensam, o novo contexto de segurança, ainda que sem quase qualquer ponto comum com aquele em que a NATO foi criada, não desvalorizou a necessidade de um sistema de segurança colectiva. Na minha opinião valorizou-a ou, se preferirem, pelo menos manteve-a, embora com propósitos e objectivos diferentes. Hoje, mais do que no passado, nenhum país consegue sozinho garantir a sua própria segurança; nem mesmo a superpotência, como a história do passado recente se tem encarregado de demonstrar de forma evidente.

Estes assuntos já deviam ter merecido uma reflexão aprofundada; a via mais indicada seria a da revisão do Conceito Estratégico, processo que poderia ter sido lançado nesta Cimeira, tendo em vista a sua conclusão por ocasião da comemoração dos 60 anos da NATO[1]. Não foi isso o que foi decidido; o que vai ser preparado, para apresentar na próxima Cimeira, será apenas uma Declaração sobre a Segurança Atlântica (Declaration on Alliance Security), o que ficará aquém do Conceito Estratégico, não obstante o secretário-geral vir defendendo há tempos a revisão desse documento.

Ainda poucos dias antes de Bucareste, o secretário-geral se referia a esse assunto apresentando cinco argumentos a favor da revisão. Três fazem, no meu entender, perfeito sentido: é urgente reavaliar o conceito de “defesa colectiva” à luz do actual contexto de segurança; é indispensável que o Conceito Estratégico incorpore a lógica do novo conceito de «comprehensive approach» e, finalmente, é preciso rever o sistema de planeamento, tornando-o mais centrado nos objectivos a alcançar («more results-oriented, less process-oriented»). Os outros dois argumentos - princípio de «Open Door» e a necessidade de global partners - são controversos, pelo menos na minha perspectiva, conforme já discutido anteriormente.

Há mais dois aspectos novos que se torna necessário considerar também em favor da tese de revisão do Conceito. Refiro-me à anunciada intenção francesa de regressar à estrutura militar e a mudança de postura dos EUA quanto à evolução da Política Europeia de Segurança e Defesa, reconhecendo agora que «longe de ser uma ameaça à NATO, é hoje uma necessidade urgente»: «Europe needs, the US needs, NATO needs, the democratic world needs a stronger, more capable European capacity. An ESDP with only soft power is not enough». Esta posição difere substancialmente da actualmente consagrada pela Cimeira de Washington de 1999.

Como bem reconhece o secretário geral, o compromisso da segurança colectiva não se põe nos termos em que se punha no passado; entre outros motivos porque vários dos desafios de segurança mais prementes não poderão ser enfrentados exclusivamente com uma resposta militar; esta tem que estar disponível, mas em outras condições pois a realidade em que hoje vivemos quase não tem pontos comuns com a situação existente durante a Guerra Fria.

Por isso, é preciso clarificar, com brevidade, quais são esses novos termos. O assunto é especialmente pertinente para os países pequenos por dois motivos: porque têm agora o desafio novo de encontrar uma fórmula de manterem, num contexto mais alargado, a capacidade de se fazerem ouvir e influenciar os acontecimentos e porque precisam de ponderar o impacto das novas condições sobre as suas próprias concepções de segurança e defesa.

Portugal que atribui à Aliança o papel de «eixo estruturante do seu sistema de segurança e defesa» (CEDN) tem neste campo interesses decisivos pelos quais se tem que preparar para lutar. O

momento crítico chegará com a oportunidade de revisão do Conceito Estratégico da NATO, processo que poderá ser decidido na cimeira dos 60 anos. Mas o processo já se iniciou com a decisão de elaboração da Declaração sobre Segurança que lançará as bases para a revisão do Conceito. É tempo de pensar nisso cuidadosamente e prepararmo-nos para participar activamente.

[1] Ver Jornal Defesa e Relações Internacionais; «A melhor forma de comemorar os 60 anos da NATO» (12 Dezembro de 2007)

103 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/20

AS RELAÇÕES OTAN-FEDERAÇÃO RUSSA

Pedro Santos Jorge[1]

2012/01/25

O IRÃO AMEAÇA ENCERRAR O ESTREITO DE ORMUZ!

Alexandre Reis Rodrigues

2012/01/17

A NOVA ESTRATÉGIA DE DEFESA DOS EUA E A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/12/07

AFRICOM, UM OLHAR MAIS ABRANGENTE SOBRE ÁFRICA

Pedro Barge Cunha[1]

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/20

O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/07/01

O AFASTAMENTO DO GENERAL Mc CHRYSAL

Alexandre Reis Rodrigues

2010/04/16

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/25

UCRÂNIA, O FIM DA REVOLUÇÃO LARANJA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/09

AFEGANISTÃO, UMA GUERRA COM FIM ANUNCIADO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/02

O PRESIDENTE OBAMA E A RETIRADA DO AFEGANISTÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFEGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/02

A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA

Luís Marquês Saraiva[1]

2009/03/31

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]

Luís Marquês Saraiva[2]

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/03/08

O QUE PODE MUDAR NA POLÍTICA DE DEFESA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/27

AS FORÇAS ARMADAS RUSSAS DEPOIS DA INTERVENÇÃO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/07

ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION

Sandra Fernandes e Luís Saraiva

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/10

OS TALIBÃS DE VOLTA A CABUL

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/15

A NATO E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/28

O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/05/19

OS VIZINHOS DO IRAQUE E A RETIRADA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/16

A FALTA DE CONTROLE DE BENS MILITARES NOS ESTADOS UNIDOS

Marcelo Rech (Brasil)[1]

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/15

O IRAQUE – UM BECO SEM SAÍDA?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/25

A SOMA DE TODOS OS MEDOS?

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/07

IRAQUE: UM ATOLEIRO DE PROBLEMAS

Marcelo Rech[1]

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/14

OS INTERESSES DOS ESTADOS UNIDOS NA ÁSIA CENTRAL

Daniela Siqueira Gomes [1]

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/11/30

KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/21

O TRIÂNGULO EUA/ RÚSSIA/IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/18

A PRETEXTO DA CIMEIRA DO MAR CÁSPIO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/16

UM RADAR PARA "ASSAR" EUROPEUS?

Marcelo Rech[1]

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/08

OCEANO ÁRTICO: A ÁRDUA DISPUTA RUSSA PELAS RIQUEZAS NATURAIS DA REGIÃO.

Gilberto Barros Lima [1]

2007/08/03

O CÓDIGO DO SILÊNCIO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/11

A CIMEIRA DA LAGOSTA E O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[1]

2007/06/28

UMA CHANCE À RÚSSIA[1]

Marcelo Rech[2]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/17

A CIA, O IRAQUE E AS FALHAS DA INFORMAÇÃO

Francisco Gomes[1]

2007/06/13

HÁ SOLUÇÃO PARA O IRAQUE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/09

A PROPOSTA "IRRECUSÁVEL" DE PUTIN PARA A DEFESA ANTIMÍSSIL DA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/05/15

OS OBJETIVOS REAIS DO SISTEMA ANTIMÍSSIL NORTE-AMERICANO NA EUROPA

Marcelo Rech [1]

2007/05/01

AS RELAÇÕES RUSSO-AMERICANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/21

SOPRAM MAUS VENTOS NO IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/09

UMA NOVA GUERRA FRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/04

A DEFESA ANTIMÍSSIL DOS EUA ENCONTRA RESISTÊNCIAS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/02/22

A INDUSTRIALIZAÇÃO DA INSEGURANÇA[1]

Sandro Mendonça[2]

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/30

O CRESCIMENTO “PACÍFICO” DA CHINA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/12/18

BUSH E O RELATÓRIO BAKER

Alexandre Reis Rodrigues

2006/12/11

A DEFESA ANTI-MÍSSIL E A SEGURANÇA DA EUROPA[1]

Marcelo Rech[2]

2006/11/13

O DESASTRE IRAQUIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/04

A EUROPA NOS PLANOS DOS ESTADOS UNIDOS

Marcelo Rech[1]

2006/09/20

ENERGIA - QUESTÃO CANDENTE DE SEGURANÇA?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

João Brandão Ferreira

2006/02/25

DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL

Marcelo Rech[1]

2006/01/22

CONVÉM NÃO PERDER CAPACIDADES

João Nuno Barbosa

2006/01/14

COMENTÁRIO SOBRE O ARTIGO “ENERGIA. A “NOVA” ARMA DE PUTIN”

Luísa Meireles

2006/01/12

ENERGIA. A “NOVA” ARMA DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2005/09/09

COMO FOI POSSÍVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/17

A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2005/06/14

O NOVO MAPA DO PENTÁGONO

Alexandre Reis Rodrigues

2005/04/05

EUA. UMA NOVA ESTRATÉGIA PARA A DEFESA?

Alexandre Reis Rodrigues

2004/10/29

A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]

Francisco Duarte Lima

2004/10/12

UMA NOVA DOCTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/14

A DEFESA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/21

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges

2004/02/23

SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA

João Vieira Borges

2004/02/19

A UE E A RÚSSIA

António Silva Ribeiro

2003/09/30

PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges